

COISAS EXATAS: A PROPÓSITO DE *IMAGIAS*, DE ANA LUÍSA AMARAL

*Maria Irene Ramalho**

RESUMO

Imagias, o sétimo livro de Ana Luísa Amaral (Lisboa: Gótica, 2002), reúne poemas sobre “coisas exatas”, como anuncia o poema inaugural que serve de portal ao livro e se intitula “O exato curso do rio”. Cuidadosamente organizados em quatro partes, estes novos poemas de Ana Luísa Amaral retomam ou reinventam algumas das formas e temas mais recorrentes desta poeta portuguesa contemporânea: o modo vocativo, os versos de orações elípticas, as repetições com diferença, a sintaxe equívoca, as assonâncias, as aliteraões, o uso do raciocínio lógico, o humor; e o tempo, a memória, a infância, a poesia, a perda, a dor, o amor. Sobre tudo o amor, e sobretudo amor/*eros*, por vezes com saudade de amor/*agapé*. Neste livro escreve Ana Luísa Amaral os seus poemas como se a poesia lírica fosse o rigor de ser no caótico estar que é a nossa vida. Por isso, absurdamente, *Imagias*, o título exato do inexato certo que desafiadoramente é a poesia na poética de Ana Luísa Amaral.

Palavras-chave: Poesia lírica portuguesa contemporânea; Amor/*eros*; Amor/*ágape*.

Há de muita gente perguntar, e o que são (ou o que é) “imagias”? Alguém saberá responder? No **Dicionário** da Academia a palavra não está registrada, a coisa não existe. E como se poderá fazer plural uma coisa que não existe? Será que o título saiu gralhado? Será que a poeta quis intitular o seu último livro de versos “Imaginas”, e o enezinho acabou engolido pelo computador e ninguém deu conta? Mas o livro é publicado pela Gótica. A Gótica sabe muito bem cuidar dos seus livros. Veja-se como é lindo este livro, com capa de artista, a deixar espreitar, travesso, o “Anjo ainda feminino” de Klee (será que alguma vez passará o anjo a ser só masculino?). A poeta, se ousássemos interrogá-la sobre o seu estranho

* Universidade de Coimbra.

título, diria, com a característica arrogância dos poetas, e se lhe apetecesse responder, Não, não é gralha, é mesmo **Imagias**. Que bonito, dir-se-ia, nesse primeiro momento de inescapável adulação de uma poeta lírica já consagrada. Ou então, muito timidamente, E o que são imagias? E a poeta, satisfeita por se ter chegado a esse ponto, diria, com piscadela de olho a Dada, Imagias são imagias.

A leitora crítica, essa, fica perdida. Dela se esperará que apresente, explique, interprete, analise, dê pistas de leitura. Porventura, que decifre o título. Ou poderá a leitora ignorar olímpicamente o insólito título? A leitora ignora, olha para o lado, faz de conta que não é nada com ela. E oferece, em troca, o seu próprio título: “Coisas exatas”. Título simples, despretensioso, sem precisar de explicações, legitimado. A expressão, depressa darão conta os leitores atentos, aparece no poema-pórtico desse livro, intitulado “O exato curso do rio”. O poema-prelúdio, na sua posição enfática de desgarrado das quatro partes em que se organiza o volume, é uma espécie de santo-e-senha deste livro de poemas, espécie de subtítulo alargado, a sugerir, talvez, que quem não sabe de “coisas exatas” e de “exatamente” não está autorizado a entrar. Mas talvez a leitora venha a sentir necessidade, no termo do percurso do seu raciocínio analítico e interpretativo, de se interrogar sobre essas “coisas exatas” da poeta. E poderá, quem sabe, ter de regressar à evidente provocatória inexatidão de “imagias”.

Um livro de poemas é uma construção deliberada. Por muito que custe a Caieiro, os poetas são artistas, e não só põem verso sobre verso como quem constrói um muro, mas juntam poema a poema como quem faz uma casa. O novo livro de poemas de Ana Luísa Amaral compõe-se de quatro partes (além do poema-introdução já mencionado). A primeira parte intitula-se “As correcções do amor”; a segunda, “As delícias do verbo”; a terceira, “Entre o inferno e os anjos”; a quarta, “O tempo das estrelas”. Títulos honestos, com sentidos lingüísticos claros. Títulos, é certo, que desafiam também as possibilidades hermenêuticas, e muito largamente poderiam suscitar as reflexões críticas da leitora, mas sem o embaraço que lhe traz o título do livro. “As correcções do amor”, por exemplo. É o amor que corrige? E o que corrige o amor e como é que o faz? Ou é o amor objeto de correção? Mas, neste caso, como se corrigirá o amor? Que tem o amor a necessitar de correção? E quem se atreveria a corrigir o amor?

“As correcções do amor” é também título de poema, o terceiro poema do livro (descontado o poema-pórtico). Prática muito comum, esta de um dos poemas da seção dar o título à respectiva seção. Os leitores atentos breve descobrem que os títulos de cada uma das quatro seções é roubado ao título de um poema incluído nessa mesma seção. É uma prática clássica de tão freqüente, que se usa muitas vezes para intitular os próprios livros. Ana Luísa Amaral socorre-se dela quase sempre. Quase todos os seus sete livros (excetuando absolutamente este rebarbativo **Imagias**) têm tí-

tulos que são títulos de poemas dentro do respectivo livro. Mesmo os três que não têm ostentam títulos que remetem explicitamente para determinados poemas em cada volume – **Epopéias, Às vezes o paraíso, Imagens**. A leitora sobressalta-se: **Imagens? Imagias?** Mas recusa deixar-se provocar. Assobia para o ar e passa adiante. Fala de títulos que não incomodam. Como estes das quatro seções que compõem o livro.

“As correções do amor” é, pois, o título de um de dois poemas na primeira parte expressamente dedicados a Margarida Losa, a colega, a mentora, a amiga da poeta, que a morte brutalmente levou cedo de mais. Um poema de amor – amor/*agapé*, e não amor/*eros*, nesse caso. “As correções do amor” muito nos diz da poética de Ana Luísa Amaral, dos seus temas e formas e estilo. O amor, o tempo, a memória, a infância, a poesia, a dor. O modo vocativo, os versos de orações elípticas, as repetições com diferença, a sintaxe equívoca, as assonâncias, as aliterações. O uso do raciocínio lógico. O humor às vezes envergonhado. E as imagens e os conceitos inesperadamente associados, ao modo dos metafísicos ingleses: admite-se, num poema de homenagem elegíaca, uma alusão aos fracos dotes de cozinheira da desaparecida? Ou à sua “desarrumação”, que porém, paradoxalmente, é também a fonte da sua capacidade – como que poética – de nomear, e assim radicalmente de organizar? São assim “As correções do amor”:

Hoje, a saudade de ti: punhalada
de tinta muito branca,
o cheiro do que é novo, o cheiro da
doença a alastrar

Se estivesses aqui, dirias o meu nome
corrigias-me as coisas, e tudo estava
bem, mesmo que dentro de sentido
opaco

A tinta muito branca, o cheiro
que é do novo, aqui, neste café,
corrigem-me a memória:
o cozinhares tão mal, a desarrumação
em tantos cantos, os nomes que criavas
para chamares às coisas
outra coisa

E os pedidos depois,
súplicas do silêncio e do não choro,
tenacidades de viver igual,
e não ceder a tanto – e não ceder

Hoje, em tão grande a saudade,
minha amiga,
nem sei o que me resta:

sonhar com o telefone a tocar,
 e a voz,
 ou eu a corrigir-me o hábito
 do número –

“As delícias do verbo” é o título da segunda parte do livro. A leitora lembra-se de receitas de família. “As delícias da Tia Tudinha”, “Delícias de chocolate”, “Pudim delicioso”, e tantas mais. Coisas que se fazem com amor e cuidado. Coisas que se fazem de acordo com uma receita (ou concepção). Coisas que se fazem com exatidão e sensualidade para deleite nosso. E dos deuses. As delícias do verbo. A leitora acha que não pode deixar de referir o *Evangelho Segundo S. João* e o mito sedutor do originário fazer: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”. Ao misturar comida e poder de nomear, o que foi feito e o que se não fez (porque o jantar da poeta é, por feliz poético acaso, pré-cozinhado), o poema que empresta o seu título à segunda parte do livro, “As delícias do verbo”, é um comentário irônico à realidade do verbo divino: *Logos* e o Pai postos em causa, a ceder o passo ao linguajar dito menor da mulher poeta. Poema jocoso também, no seu recurso ao banal quotidiano, um gesto apotropaico que não oculta a dor pungente da ausência. A delícia do verbo não satisfaz, falta a experiência de deglutir e saborear. “As delícias do verbo” é um poema de amor/*eros*, que se não conforma com a ausência que o nome significa. Dizem-se assim “As delícias do verbo”:

Estava hoje tão bem, com o sol a cair
 sobre penedos de mil cores,
 o frio a ameaçar, mas a lareira acesa,
 e tinha até comprado jantar pré-cozinhado,
 sem ser do meu costume,
 que me faz falta o lume
 e os cheiros como sôfrego alpinista,
 subindo em corredor de neve ausente

Estava hoje tão quente de chegar,
 e tinha posto a mesa, e nada demorava
 o meu costume,

quando li o teu nome de repente

E a injustiça de te ter em nome
 mas não te ter aqui
 embrulhou-me o cenário e coração

Mas era sem remédio.
 Conformei-me,
 e nem isso, nem resto.
 Fiquei com o teu nome,

e regresssei à mesa, e comi
o jantar pré-cozinhado
– angústias não faltaram,
lembrando-me (em ternura)
como tão mais delícia
seria o outro
lado

Eros percorre muitos dos poemas deste livro, e explode despididamente em muitos deles, um pouco já na segunda parte, mas em especial na terceira e quarta. É como se as duas primeiras partes repetissem variamente a intenção expressa em “O exato curso do rio” de retirar escrupulosamente da memória os fatos de que se fazem exatamente os prazeres e as dores do amor, e de registrar no poema, aparentemente tão fáceis e tão belas, a dificuldade de amar e a angústia da ausência e da perda. Como se a poesia fosse o rigor de ser no caótico estar que é a nossa vida. Como se o poema de amor não pudesse deixar de ser uma canção desesperada. Ou como se todos os poemas de amor não fossem ridículos. “Como posso dizer que o teu corpo é divino”, interroga-se muito shakespearianamente esta poeta, que é também professora de literatura inglesa, em “Ode ao divino que aí mora”. Para dizer que é divino o corpo da pessoa amada, a poeta faz rimar “divino” com “sino”, “menino”, “tino” “desatino”, sem esquecer o “pino” que faz até à “insensatez”. Comentário irônico a todos os hiperbólicos poemas de amor que encerra a tradição, “Ode ao divino que aí mora” oscila entre o sublime distante e o igualmente distante absurdamente cômico, para se acoitar, festivo mas mortalmente frágil, na redondez macia e vulnerável do humano ser.

Nas duas primeiras partes sobretudo, mas igualmente em vários outros poemas ao longo do livro, parece haver a decisão de adiar para mais tarde um amor que se adivinha avassalador e de dimensão cósmica, adiá-lo com o alvoroço do desejo e o temor da insatisfação e do fracasso. Poemas que insistem na memória, que falam da infância, da filha, do tempo inexorável, da poesia, da poeta como leitora de outros poetas (Shakespeare ou Milton ou Emily Dickinson ou Eliot; Gil Vicente ou Camões ou Jorge de Sena; ou Pablo Neruda) e como leitora de si própria. Como tantos outros poetas da tradição, Ana Luísa Amaral reescreve-se a si própria constantemente. Por vezes, poemas há que surpreendem pela abordagem científica do corpo, com derivas especializadas de neurônios e sinapses (“As ligações perigosas das sinapses”). Ou que explicitamente interrogam o próprio poema, com a maestria e o sentido de humor que são parte integrante da poesia de Ana Luísa Amaral. Assim se leia a “Receita para um soneto não liofilizado”, um soneto quase tecnicamente perfeito, de decassílabos impecáveis e rimas que provocatoriamente se põem no lugar, mas a deixar-se interromper por um recheio de mel de dois versos excrescentes que arrastam o último terceto no seu parêntesis: o poema “quer-se molhado como o pão-

de-ló”, insiste a poeta, para que dele irrompa, irrecusável, a arte e a ficção, mas também a emoção e a vida.

A terceira parte intitula-se “Entre o inferno e os anjos”. O poema que lhe dá o título é o último da seção e socorre-se do vernaculismo do “palco vicentino” (com o *heaven and hell* do inglês Blake não muito longe) para uma vez mais colocar o poema, e o amor de que o poema fala, no humano intervalo-de-ser entre o céu e o inferno, entre o inferno e os anjos, ou entre uns anjos e outros anjos (o primeiro poema da seção seguinte tem por título “Os anjos caídos”). “Entre o inferno e os anjos” escreve o poema e o amor na “língua transitória” que é o corpo mortal, e o drama que um e outro (poema e amor) sempre encenam breve se revela um espetáculo shakespeariano e faulkneriano de som e fúria, a oscilar, ele também, entre o sentido e o não sentido. É assim “Entre o inferno e os anjos”:

Se o amor se vestisse
de sentidos vernáculos e plenos:
um palco vicentino a acomodar
coragens de falar

A língua transitória
caminho a meio entre
o inferno
e os anjos, e ao fundo dessa porta, em baixa-esquerda:
a glória
de escolher o adereço certo

A pluma mais brilhante.
a capa de veludo mais macio,
e a fivela
(que vista assim de perto era só isso).
ali: um quase diadema

O palco vicentino agora em cor
o que antes só amor
agora livre,
o que era agora amor,
agora livre,
e de um ponto
vernáculo
no tempo

vestir-me outra vez de luz,
e olhando os teus olhos
outra vez,
morrer junto à coluna de papel,
num solilóquio que marcasse o fim
do século em viragem

e em coragem de espelho ou de punhal,

oferecer-te só isso:
o som, a fúria
mesmo sabendo-os só sentidos
vãos

A última parte do livro, tal como a penúltima um pouco mais curta do que as duas primeiras, tem por título “O tempo das estrelas” e compõe-se de nove poderosos poemas de amor. Amor-*eros* que por vezes se adivinha com saudades de *agapé*, como que a exigir, em “Não o preço do sal – nem das estrelas”, que estrelas assombrosas se transformem, de repente, em estrelas pequeninas e macias. Não se pode ter tudo, a deriva cósmica da paixão e o *oikos* acolhedor da paz e tranqüilidade, é o que o último poema da seção e do volume tão lancinantemente registra. O poema a que a última parte pede emprestado o título, “O tempo das estrelas”, deseja acreditar (e explica o raciocínio na sua insistência em “porque”) que sim, que isso é possível, no momento exato da consumação do amor, esse “lugar incandescente e azul” que dá sentido à “desordem mais cósmica das coisas” e magicamente serve de “casa” a “organizar o coração”. Aqui vos deixo “O tempo das estrelas”:

Um compasso de espera
tão longo e musical
por estrelas destas
a tocar-me o rosto

E aprender a aceitá-las,
e eu ser um céu imenso
onde elas se pudessem passear,
encontrar uma casa,
um pequeno silêncio
de folhas,
de poeiras e cometas

Na desordem mais cósmica
das coisas,
organizar inteiro:
o coração

Porque, a tocar-me o rosto,
o tempo das estrelas
será sempre,
mesmo que tombem astros,
ou outras dimensões se lancem
em vazio,
ou raízes de luz se precipitem
no nada mais atônito

Terá valido tudo
a desordem do sol, terá valido tudo
este lugar incandescente
e azul

Porque, a tocar-me o rosto,
 agora,
 e em silêncio tão terreno:
 paraíso de fogo:
 estas estrelas

Transportadas em luz
 nas tuas mãos —

Terá valido tudo? A ficção voltará por certo a construir-se. Mas o poema feroz que encerra o livro deixa adivinhar o contrário. O poema deixa adivinhar que neste novo livro de Ana Luísa Amaral se constrói (ou ficciona) um ser que ama até ao desespero. Da pessoa amada nada dizem os poemas. O ser amado não é aqui importante, ele só existe na paixão-memória do sujeito, só tem consistência real na veemência do grito lírico do *dichten* (“Crio-te na memória mais compacta/de que sou capaz”, começa por dizer o poema intitulado “Memórias e magias”). No poema derradeiro, intitulado “Imagens e Memórias do que não”, e escrito por uma poeta que tem por hábito tudo pôr do avesso, nesse poema de amor desesperadamente cósmico (desesperadamente cósmico o amor e desesperadamente cósmico o poema), a leitora está tentada a descobrir coisas exatas de impossível exatidão (como mãos que se rasgam “como se fossem astros”), essas coisas que, na vida como no poema, se impõem por gestos de memórias e magias. E magias? Magias do que não, diria a poeta. Ou, a reinventar o verbo originário, *imagias*. E aqui vos deixo *Imagias*, o título exato do inexato certo que desafiadoramente é a poesia.

ABSTRACT

I*magias*, Ana Luísa Amaral’s seventh book of poetry, collects poems about “things exact”, as announced by the opening poem, entitled “O exato curso do rio” (Lisboa: Gótica, 2002). Carefully organized in four parts, these new poems by this contemporary Portuguese poet reassert or reinvent some of the most recurrent forms and themes in her work: the vocative mode, elliptical sentences, repetition with difference, ambiguous syntax, assonance, alliteration, logic reasoning, humor; and time, memory, childhood, poetry, loss, pain, and love. Love most of all, and most of all love/*eros*, often longing for love/*agapé*. Ana Luísa Amaral’s poetics turns lyric poetry into the exactness of being in human life’s chaotic being-there. Hence, verging absurdity, *Imagias*, the exact title challenging the right inexactness of Ana Luísa Amaral’s poetry and poetics.

Key words: Contemporary Portuguese lyric poetry; Love/*eros*; Love/*agape*.

Referência bibliográfica

AMARAL, Ana Luísa. *Imagias*. Lisboa: Gótica, 2002. 106p.